

Ô Catarina!

Florianópolis, março e abril de 2001 - número 45

IMPRESSO

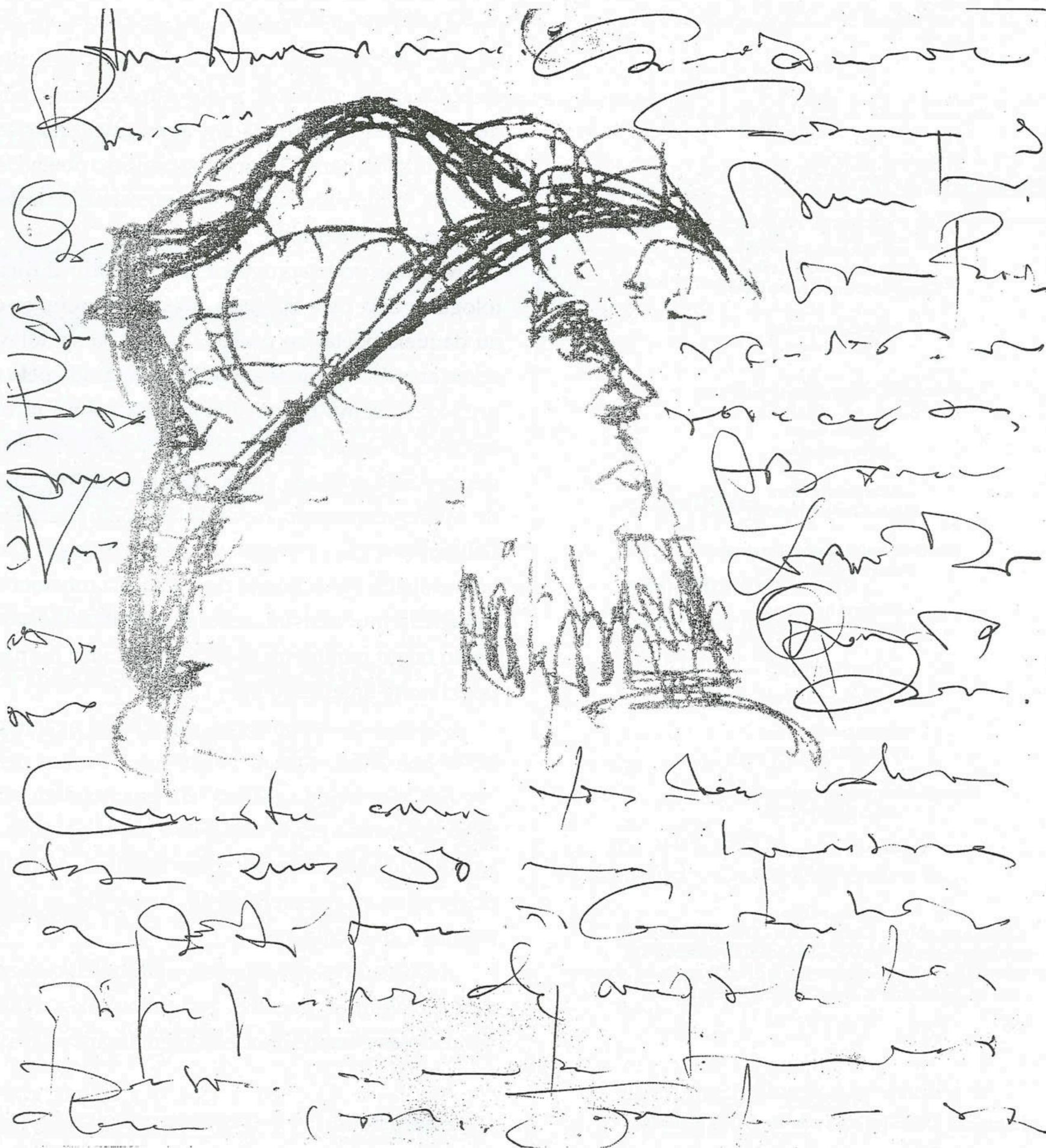


Ilustração desta capa: Cléber Teixeira

CONTEMPORÂNEOS

(POETAS CATARINENSES DOS ANOS 80 E 90)

Ô Catarina!

"...um chapeuzinho e um ponto de exclamação desceram do imponderável e o nome se enriqueceu de sentido, virou também saudação e chamamento: "Ô Catarina!".

O objetivo é isso aí: convocar, pôr em evidência e em debate o quanto for possível do nosso espírito criativo. Ser um ponto de encontro, um instrumento afirmativo de nossa alma plural. E sair um pouco pelo Brasil mostrando essa alma."

(Do editorial do primeiro número, em dezembro de 1992)



EXPEDIENTE

Governador do Estado
Esperidião Amin Helou Filho

Vice-Governador
Paulo Bauer

FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA

Diretor Geral
Iaponan Soares

Diretora de Artes
Elenita Gerlach Koerich

Diretor Administrativo-Financeiro
Sebastião Ivan Nunes

Gerente de Letras
Flávio José Cardozo

Ô CATARINA!

Editores
Flávio José Cardozo
Paulo Clóvis Schmitz

Editor assistente e programador gráfico
Fábio Brüggemann

Jornalista Responsável
Paulo Clóvis Schmitz

Nesta edição
Chandal M. Nasser, Cléber Teixeira, Dennis Radünz,
Fábio Brüggemann, Fernando Karl, Jorge Hoffmann Wolff,
Marcelo Steil, Mauro Faccioni Filho, Paulo César Ruiz, Raquel Stolf,
Raul Arruda Filho, Renato Tapado e Vinícius Alves

Impressão
Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina

Publicação da Fundação Catarinense de Cultura.
(Lei nº 8.564 de 15/04/92, publicada
no Diário Oficial nº 14.427 de 23/04/92)

Há exatos dez anos, a Fundação Catarinense de Cultura, também dirigida, na época, pelo escritor Iaponan Soares, publicou o livro *18 poetas catarinenses - a mais nova geração deles*, organizada por Fábio Brüggemann. Daqueles poetas, poucos continuaram a publicar, e dos que continuaram, todos estão na nova antologia – apesar de o número ter sido reduzido para 12 – organizada pelo poeta Dennis Radünz, blumenauense da gema, mas que inventou a cidade de Naeumblu.

Muito se pode aproveitar comparando as duas antologias. Seja pela ausência, seja pela presença deste ou daquele poeta, ou poema. E mais, já se notava na seleta anterior a guinada estética deflagrada pelo novo grupo; e mesmo que não se reúnam sob um nome, como foi o Grupo Sul, convivem e partilham leituras e críticas. Esta guinada se dá, sem aqui entrar em juízo de valores, do lirismo, representado pelo poeta Lindolf Bell (muito mais presente) e por Alcides Buss (que também realizou experiências com a poesia concreta e a de influência modernista), ao experimentalismo poético, tendo como parâmetro as lições (seguidas ou não) do poeta norte-americano Ezra Pound.

Como a própria apresentação do organizador desta antologia afirma, é inegável o caráter pessoal, "porém não idiossincrático" da escolha. Um detalhe deve ser levado em conta: quase todos os doze realizam atividades culturais extra-poéticas, comunicando-se com as artes plásticas, o cinema, o teatro, a música e o jornalismo.

As ilustrações são do poeta e editor Cléber Teixeira, que acolheu o pedido cedendo seus desenhos reveladores e inéditos especialmente para esta edição.

Endereço para correspondência
Fundação Catarinense de Cultura
Avenida Irineu Bornhausen, 5600,
Florianópolis/SC, 88 025-202.

Telefone (048) 333-0848, ramal 206, fax (048) 333-1850

O LINGUAJAR DO LUGAR

DENNIS RADÜNZ



I

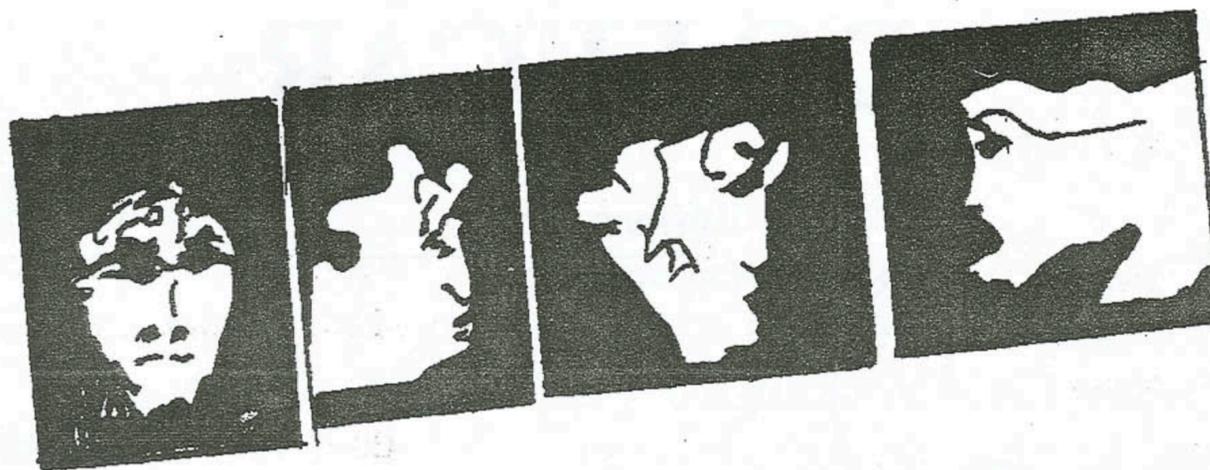
Antologias são contraditórias - revelam e ocultam. Excluem: delimitam: evidenciam. Antilogias. Essa breve compilação não se furta ao dilema: reúne doze poetas contemporâneos que fazem de Santa Catarina o lugar comum de suas (sobre)vivências. Doze, não duzentos. O recorte é pessoal, mas não idiossincrático, na escolha consciente das exclusões - nenhuma intenção há de síntese. Afinal, ausentes estão as poéticas oestinas; ausente está a poética do Sul, pós-carbonífera. Presentes,

no entanto, doze das vozes mais ativas nos linguajares catarinenses dos anos 80 e 90. Poéticas nômades no interior das quais sedimenta-se o pó de todas as transmigrações, ou o sangue sujo e forte das muitas trocas étnicas. Poéticas em que se cruzam todos os litígios entre vida e vocábulo: coisas: nomes.

O lugar é o texto. O texto funda lugares.

II

Chandal Meireles Nasser, Dennis Radünz, Fábio Brüggemann, Fernando Karl, Jorge Hoffmann Wolff, Marcelo Steil, Mauro Faccioni Filho, Paulo Ruiz, Raquel Stolf, Raul Arruda Filho, Renato Tapado e Vinícius Alves. Os doze. Situados no lugar incomum das experiências de linguagem, os poetas aqui reunidos conviveram em meio aos conflitos de duas décadas: nascidos todos entre 1959 e 1976, editaram seus livros nos anos 80 e 90. O exercício (auto)crítico - ou cáustico - e o ativismo literário - quase todos como articulistas ou editores de "O Estado" (80) e "A Notícia" (90) e de uma dezena de jornais alternativas - são traços comuns aos doze poetas. Incurções na música, no teatro, no cinema e nas artes plásticas e, em alguns casos, a (sobre)vida nas universidades confluem em sua poesia.



III

Mas os doze não são, como em Othon D'Eça, homens-alga.

Isso porque são leitores da vasta tradição que flui de Safo aos poetas da L=a=n=g=u=a=g=e Poetry. São errantes (do Grego, *plânkton*), sim, mas nutrem-se da vasta flora verbal da literatura e dos muitos linguajares de Santa Catarina. Como antecedentes, os ecos do grupo Sul, de C. Ronald, Hugo Mund Jr. ou Pedro Garcia; Rodrigo de Haro, Lindolf Bell ou Péricles Prade, ou ainda Alcides Buss e Cléber Teixeira e, claro, Cruz e Sousa e Ernani Rosas. Autores esses com os quais dialogam, sem suseranias, nem vassalagens.

Nesse recorte de espaço e tempo desponta a figura do *fabbro* Fábio Brüggemann e o fato de haver editado nove desses doze poetas, exceto Chandal, Paulo e Raquel. Em idos recentes, figura também o caderno "Anexo" (jornal "A Notícia") que, editado por Joel Gehlen de 1995 a 98, reuniu a maioria destes - Fernando, Dennis e Paulo foram também seus editores - e de outros autores onipresentes na paisagem cultural catarinense, como Salim Miguel, Silveira de Souza e Jayro Schmidt, entre outros.

IV

Três inclusões (ou todas?) são polêmicas: Raul Arruda Filho e Paulo Ruiz (1961-2001) são reconhecidos em cidades específicas e, entre si, remotas, sem diálogo visível. O primeiro, em Lages; o segundo, em Joinville. Suas presenças, no entanto, são marcantes nesses lugares. Ambos não mais escrevem poesia: o primeiro, por opção, o segundo, por fatalidade. Outra escolha é conceitual: inédita em livro, a linguagem medular de Raquel Stolf, que faz da instalação e do objeto não apenas um suporte, mas um organismo de poesia que abole as óbvias/obtusas definições de gênero e forma, indica lugares de linguagem mais amplos e mutáveis, como na 'fanopéia' concreta de "Lista de Coisas Brancas".

V

Assim, essa 'antilogia' revela-se também pelo que oculta - não inclui os novos movimentos de Joinville, de Itajaí, de Chapecó, mesmo porque, nascentes, devem fluir em futuras e fortes torrentes. O recorte é pessoal e, portanto, subjetivo (como não sê-lo, em se tratando da arte milenar da poesia?). Nômades-leitores numa era digital (e, quase sempre, ilegível), esses doze poetas contemporâneos fundam seus lugares a partir do texto - e esse texto revela muitos dos linguajares de Santa Catarina.

ASSUNTO LITERÁRIO

ao meu irmão Carlos Alberto

começou a ler o romance
em 1912

quando o releu em 84
os personagens estavam todos mortos

(De *Tema para romance*, 1984)

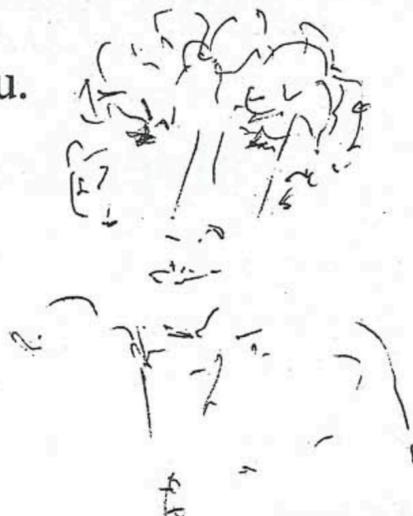
DISTANTE

O que pode haver no infinito?
Pedras ocas com luz por fora,
que a luz de dentro, nunca vista,
amadurece outras paragens.

Na colina um cavalo sonha:
infinito move seus músculos.
Uma concha no céu marinho:
infinito contra infinito.

O que pode haver no infinito?
O que vemos por fora: luz!
O que só vemos no fim: x,
e uma outra luz já iluminou.

(De *Esquina, China*, 1995)



A PEDRA E A MÃE MORTA

A mãe morta é bela porque é a delicadeza
se dissolvendo.

Com machado de ferro quebra-se a pedra.
Clareza fixa e rústica, a pedra,

se cortada em duas,
são duas pedras mais belas que a mãe morta,

porque pedras não morrem,
mantêm a delicadeza.

(De *Desenhos mínimos de rios*, 1997)

WOLFGANG AMADEUS MOZART EM JOINVILLE NO ANO DE 1791

Mozart convenceu-se naquele domingo:
— Comporei uma bicicleta
com instrumentos de sopro.

Ele andou rente aos muros da cidade de Joinville
à procura de inspiração.

Naquele domingo, Mozart,
leve de vodca e tonto de brisa, gritou:

— Todos desconfiam, mas eu posso
compor uma bicicleta com instrumentos de sopro.

Hoje se vê Mozart
no ombro dois pintassilgos
pedalando o adágio das ruas.

(De *Travesseiro de pedra*, 2000)

PEQUENA LIÇÃO
DE HISTÓRIA LAGEANA

pinheiro
dinheiro

(De *Cigarro apagado no fundo da taça*, 1988.)

NÃO AMARÁS

ardente
entre papéis inúteis,
livros, diários, cadernos,
anotações sobre o amor
e a escuridão:

absolutamente obsceno
observo e enceno

(De *Referências*, 1993)



ANOTAÇÕES SOBRE DARU

o inevitável. pronto:
eis a circunstância.
a cadeira. o revólver.
a xícara de chá.
fotogramas. incêndios.
temores. a porta
entreaberta. neste silêncio
parece que conversam
ao redor.

encostar no espaldar.

alpendre: ao longe, o sol.

(De *Referências*, 1993)

PAULO CÉSAR RUIZ

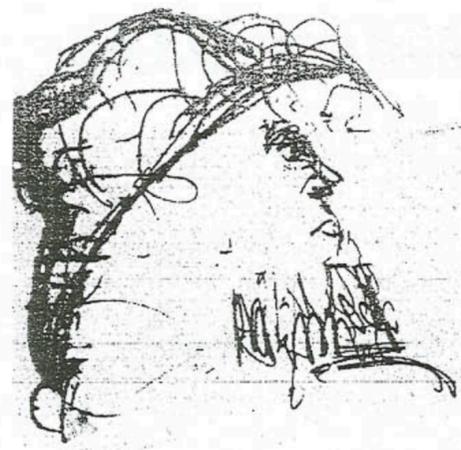
Nascido em Bauru, SP, em 1961. Jornalista, residiu em Joinville. Morreu em janeiro de 2001.

as cigarras
cantam o inferno
na pele

contar estrelas
é fácil: olhe o deserto
e grãos à obra

flauta doce
o vento entra quente
e sai cantando

procissão de formigas
libélula na liteira
a rainha coça a barriga



ORIGINAL

escrevia muito bem, diziam.
conseguiu o prodígio do plágio
sem vestígio

POR UM FIO

janela aberta
se a fumaça não sai
a noite, com a brisa,
entra

GARÇOM...

das duas, uma
ou sai a obra-prima
ou bebo mais uma

(Do inédito *Cápsula*)

Nasceu em Porto Alegre, em 1965. É jornalista e doutorando em Teoria Literária pela UFSC e Columbia University.

VIANO & PIOLINO

a um clown ou dois

i. INTRÓITO INTRUSO

sei bem ou seja
sei lá ou vá saber que
as dedicatórias obrigatórias
sob títulos estentóreos
precipitam-se previsíveis
rumo ao desastre

ii. CURTA CONCLUSÃO EM É MENOR

o que hé de se
comemorar
ou não hé

iii. DESENVOLVIMENTO ALGO MAIS DESENVOLTO

o que há e
sempre ouve é
o relato pré e
pós facto
mais ou menos descritivo
mais ou menos distraído

são portanto porém
dois eventos inventivos
de (s) ordem musical

um já assistido sim
e outro mais mas
o outro não depende tanto
mais de mim

era e não era
uma sinfonia difícil
não era uma sinfonia
mas dizem que difícil

pois meus amigos pronto
se puseram tristes
agüentando com tudo
até o fim e até
disseram gostar
mas só da segunda parte

é que pouca coisa passava
o equilíbrio precário
o quasenada almejado
almost too serious talvez
era o caos na calmaria

e absolutamente porque
o mais era menos e
lesses eram mores
como dá pra perceber
mas minhas amigas
exclamaram nevermore

foi quando entrou ornette
magro elegante
chapéu negro surrado
no topo do topete
de si assistente

no entanto a música
ficou ainda mais
subtraída ou
ainda menos
somada
vaziinha da silva
mas também atacada
agitada a ponto de
o povo depois
e de novo
aplaudir de pé

quero dizer na hora
já e agora
já que ornette
magro preto
surrado elegante
ficou ainda mais
sentado e
batendo palmas também
como se fosse outro
ou ainda outrem

disse então sem dizer
um piano é um oboé
uma viola um violino
soando sangüíneo
minguando sozinho
ou solando solerte
silenciosamente

dosachadosliterais

pomadazulebranca
paramicoses
durex durex
umidamente
líriocolírio
verdemusgo
easpirinasbrancas
sinceramente
encrustadas
numacaixadelenços
presidente
transparente s

PREFÁCIO INTERESSADÍSSIMO

(COM PEIXES)

TO ME, MYSELF & I

- i. rola muita água
entre
um poema e
uma (que seja)
piada
- ii. essas águas
falam entre si
debatem com pedras e
sujas ou transparentes
sempre pintam
piscosas

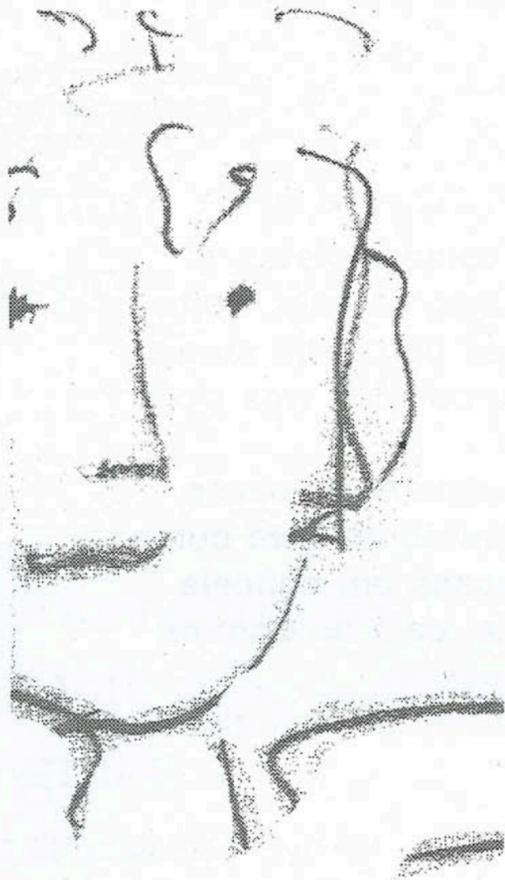
(De Pateta em Nova Iork, no prelo)

(De 18 poetas catarinenses, a mais nova geração deles, 1991)

(De Pateta em Nova Iork, no prelo)

CHANDAL M. NASSER

Nasceu em Curitiba. É bióloga e ex-professora da UFSC.
Atualmente mora na Alemanha.



**Alma, moço, é malha delicada
e destamá-la é ofício
de fiandeira ao contrário**

alma é vaso

**de porcelana chinesa
não vá entorná-la na mesa
quando puxar a toalha.**

(De Os mil domingos, 1985)

**Deus bem podia
fazer-me a fineza
de virar a mesa pro lado do oriente
e não vir derramar chá quente
na minha seda chinesa.**

*(De 18 poetas catarinenses,
a mais nova geração deles, 1991)*

**Soubesse o mestre do barco
que o mastro nasce arvoredo
mandava amarrar o medo
no alto do ninho
e punha mansos seus dedos
pra mariscar passarinho.**

(De A alma não encolhe na chuva, 1993)

**Os super-heróis exageram:
param no amarelo
e esperam
passarem os aviões dos vilões.**

(De A alma não encolhe na chuva, 1993)

**Na beira do precipício
a perdição é o vício
de sempre perder o jogo
no início**

**tão terna a queda
na pedra,
tão fácil o fóssil
da asa.**

(De Os mil domingos, 1985)

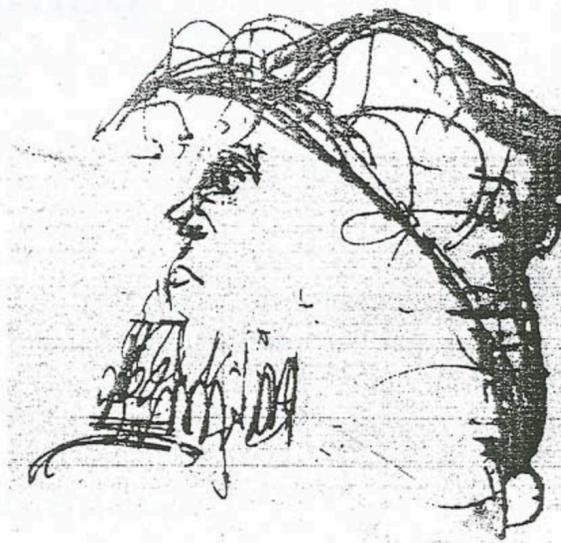
BOLETIM DE OCORRÊNCIA

compareceu nesta delegacia de polícia
a vítima,
relatando que ao cruzar o limbo
de linguagens, sentido motins-cela,
foi rendido por elementos em fúria,
anônimos, na mudez do ermo,
os quais o jogaram ao solo,
sob ameaça de revólveres de inventos
e, revirando-lhe sentidos,
furtaram:

nomes numes
germes de crimes
cais no caos
limo de leis
ruínas de rio
vaus

após, ordenaram
sussurros na anatomia do urro,
enquanto fugiam em direção
à palavra fuga. era o relato.

(De *Exeus*, 2ª edição, 1998)



CULTIVOS DO ACASO

"um homem sem a sua casa
é o começo de um circo"
fábio brüggemann

a casa começa no caos
sendo acaso, cálculo, coito
como sacas de cal ou sinais
escavados, caiados nos ocos

a casa começa no ocase
sem onde ou como nem cume
a casa acaba em cancela
sendo cela, cais de confins

o cultivo da casa: motins

(Revista "Medusa" nº10, 2000)

O RISO NO SONO (FANTASMAGORIA)

o riso no sono: sonoro:
risca. rasga o lábio como
estilhaço ou farpa. eco

e faísca no céu da boca.
raspa a língua. fisga.
a maresia na mandíbula

escoa. o clima é rouco
e excita. rompe em aftas:
bombardeios da saliva

FRUTO DO FÔLEGO
dilata: infla: flutua: venta:
o riso é órfão e resseca

(Revista "Babel" nº 2, 2000)

FÁBIO BRÜGGEMANN

Nasceu em Lages, em 1962, e mora em Florianópolis.

um homem é a cara da sua casa
por trabalho ou sorte arquitetada

um homem quando não tem casa
mora no meio da sua cara

não da sua que suor exala
até bem pouco antes da morte

da dele, que sem ter sala que pinte
dá cor à cara como nariz de palhaço

um homem sem a sua casa
é o começo de um circo

(Publicado na antologia *Ilhíada*, 1996)

pedras têm memória
delas sobre a história
delas mesmas

pedras sobre perdas
pedras só fazem caminhar
lentas e lerdas
como as lesmas

(De *Ilha de Santa Catarina - História,
poesia e imagem*, 1994)

O OLHO DA ESTÁTUA NÃO DERRAMA LÁGRIMAS

anjos sobre desterro
o olho da história
não enxerga o erro

(De *Ilha de Santa Catarina - História,
poesia e imagem*, 1994)

um sol é só
um sonho

nós dois somos
só dois sóis



Publicado no jornal "Diário Catarinense", 1994

A NOTÍCIA

início das grandes navegações
índios construíram cinemas

mais fácil fazer navios
q poemas

(De *Transporte*, 1989)

?
esse que lê
sou eu que leio
ou voz
que do poema veio

?
esse que lê
teria existido
não fosse
pelo poema lido
?
que é esse
que do espelho da poesia
propõe o poema
tal qual me traduzi
um dia
?

(De *Asa no olho*, 1992)

o baile d máscaras das letras

d n a d o
a ç n o
o c girou
t rápido
q parece o o

e agora como diferenciá-los?

o i ao espelholepse oa i o
fez-c u
e o e estuoou
vurando lll

dl o a p
fpu um pulp
dl plrna

ppr fum
p a flz-o n
ppndp umn mnsonrn

l ngprn opmp duflrlnoun-lps?

(De *Rivário*, 1995)



PEQUENA HISTÓRIA DO AMADURECIMENTO LITERÁRIO

na época dos assaltos
as palavras vinham vivas
em bandos

entoavam
gemidos vândalos

e se iam
deixando nos muros
unhas lambuzadas

hoje de uniforme
e amestradas
caminham educadas
(aos livros)

como reses
ao abate

(De *Fogofurto*, 1996)

MAURO FACCIÓNI FILHO

Nasceu em Maringá, PR, em 1962. Mora em Florianópolis.
É engenheiro e cineasta.

(fragmento)

E nos meus olhos e nos dele
uma primeira vez surgiu o medo.
Era coisa entre nossos olhos,
um fio, um risco de lágrima,
um piscar sobressaltado, um susto.
O barco se jogava lá em cima
e depois na areia, em baixo,
e enquanto as ondas brincavam
o sol se cobria de nuvens.
Suas mãos, com as dos outros,
entre areia, sal, água e medo,
seguravam na beira do barco.
E o longo encontro nosso
era coisa de muitas dunas,
esbranquiçadas areias,
mistura de tábuas e vistas
que se tinha do mar longíssimo.
Mistura de quietude e de pedra,
de vagalhão, de tempo nublado.
No dia que o mar estava crespo
e monstros lá se escondiam,
quando o vento vergava a taquara
e eram fechadas as portas,
nesse dia nos encontramos.
Loucura das mil imagens,
dos pensamentos misturados,
das palavras inconscientes.
Quando os lábios ficam loucos
e a saliva é mar, é mar sem fim,
quando os dedos tremem
e os cabelos são nós cegos
armando uma grande rede,
ah, céu e terra e pedras
atiradas em minha casa agora
onde está o meu Caréo?
Se tudo naquele dia foi fúria
e foi descontrole e foi tempo
que se perdeu em si próprio
porque era tudo assim, e
o tempo era coisa nenhuma,
era pouco, era vento sem casa,
era o que vai e que vem,
enquanto nós víamos a grama
junto com a água e a terra,
e tudo era vermelho branco
amarelo rosa azul
rodando entre nossas mãos.

(De *O Grande monólogo de Madrija*, 1989)



ASSILIKIS CERCADA DE ATLETAS

a jovem deitada nas almofadas
"cercada pelo enxame
[de jovens atletas"
veio a rir com os braços soltos

eles a beliscá-la de leve e loucos
anoitece e o silêncio é longo
veneráveis oliveiras e uvas doces

nua e a contemplar seus músculos
baixou os olhos para o sexo
[dos campos
os pêlos eretos e o vento fresco

eles gastaram a noite devastando
aquele corpo de almofadas
[e sombras
nu como o seixo do rio que passa

deuses debruçaram-se na montanha
a ver a beleza e a rede de sedução
desta jovem e seu enxame
[de amores

oxalá os primeiros ventos da manhã
tragam ao grupo de amantes
[um leve sono
e o delicado gosto de
[uma luz serena

(De *Helenos*, 1998)

NUNCA NO, NUNCA EM, NUNCA NA

nunca No, nunca Em, nunca Na
sempre entre é o que há

nunca Vem, nunca Vê, nunca Está
sempre Foi, Talvez, Será

(De *Helenos*, 1998)

HERA UNTOU-SE COM ÓLEOS DE AROMA

Hera untou-se com óleos de aroma
após banho quente num bacio de pedra
juntou os cabelos em maços e goma
desfiando cada cacho num espelho curvo
que separa a imagem e depois a soma

os pêlos da coxa do braço do ventre
empinou-os ao vento num gesto limpo
deixando os torpes músculos para sempre
a engolir fogo e toques desta mão nua
que é mesmo a sua sumindo entre

exposta a Zeus consumiu-o em si
enrodilhados em nuvem de ouro e pó
em seus braços e pernas ele preso ali
sonhando com um mundo eterno e nu
onde o tempo é agora e o lugar aqui

Hera fez de seu deus um homem
com o que lhe há de triste e só
o dia da angústia, o tempo, seu nome
e também o júbilo de um instante único
carne bruta sangue fervor e fome

(De *Helenos*, 1998)

RENATO TAPADO

Nasceu em Porto Alegre, 1962, e mora em Florianópolis.
É mestre em Literatura e tradutor.

el mar, el mar y tú, plural espejo
Octavio Paz

teu pêlo:
cancela e abismo
do teu
colo
em fúrias
cabaça
abracadábrica
que
morde
minha palavra
– blasfêmea

e
abre alas
do teu
duplo claustro:
crisálidas ocultas
que meu ser
fecunda

re
colhendo pássaros

(De *De laços abertos*, 1990)

das qualidades do adeus
incorporo as fugazes

(De *Poemas para quem caminha*, 1987)

tua fala:
labirinto azul
onde me perco/encontro
o peixe-não do teu receio
o musgo-sim da tua vontade
os ventanais fugazes do teu corpo
alçando saís de inércia e dores
em meu peito
palavra tua:
espelho d'água em andamento
onde uma trilha
nua
se prepara

(De *De laços abertos*, 1990)

O poema é escrito sob esse controle: tudo nele
escapa, e o autor, por detrás dos sentidos, finge
ignorar o que deveras ignora.

(De *Mínimas*, 1993)

O poeta não diz nada. O óvulo do tempo não floresce na pala-
vra. Todo deserto é vasto. A terceira margem do rio. A margem
que não há. A frase é vasta de sentido. O poeta é aquele que
cala. Na curva do enigma. Nem tudo existe como o vôo proje-
tado na sombra da garça. Nem tudo recupera a força do olhar
quebrado sobre o espelho ávido. A marca das garras do tigre
na madeira crua. O poeta traça no ar o grito imaginário. E sua
palavra inteira reverbera na
pele cinza do golfinho.

(De *Massala*, 2000, com Jayro Schmidt)

“esse sou eu: isso”
Octavio Paz

és isso: osso a osso
assim como sói ser
esses ossos sós
silenciosos
assim sem som

somos isso: nossos ossos sós
nossos sombrios ossos

sem sol ou sal
insossos – sem sumo
secos como o sol

sim: assim: isso
como os ossos são
sem sócio ou sócia
como todo osso
só ócio

(De Coisa, 1991)

A FORMA
MIGRA
NA FLOR:

UMA
FORMIGA
NO GALHO

(De Coisa, 1991)

MIGALHA

orquidéia

pirilamptívea lumbata
esquiferantropéia orquídea
bravianamnética florívea
ornitorrincofléia sulfata

argontrefatonista camerata
burfenmenosterusa aurídea
clorirrebentinfesta azulvea
arquipedanstrorféia insolata

festimcarminetrusta obtusa
ostreminacarada quasardorme
inquiétransforcélia confusa

tremimagnetante contenforme
lucibelinfetriga verdilusa
lesbicraterisfunda serenorme

(De Nens Nãos Quasis, 1989)

LISTA DE COISAS BRANCAS

(COISAS QUE PODEM SER, QUE PARECEM OU QUE ERAM BRANCAS)

arroz. açúcar. nuvem. sal. isopor. caderno novo. tontura. neve. pérola. céu nublado. sussurro. borracha de apagar. concha. minha geladeira. cabelo branco. vermes. pasta dental. naftalina. dia de sol forte na praia. ovos. morte. tinta de parede. vômito. guarda-pó. cocaína. roupa de médico e dentista. larva de inseto. dados. pasta d'água. papel. palmito. branco do olho. máscara para pó. quando se esquece de repente. mingau de aveia. dor de cabeça. melão aberto. tempo que não passa. papel toalha. pedriscos de aquário. farinha de trigo. alho. dentro da barata. polpa de fruta-do-conde. franqueza. ossos. quase no fim de alguma coisa. sêmen. dentro da semente da fruta. guardanapo. couve-flor. insônia. iceberg. sulfato de bário. cimento branco. dentro da maçã. falha. travesseiro. gaivota adulta. urso polar. máquina de lavar roupa. dentro da jabuticaba. magia branca. forno microondas. cegueira segundo saramago. quando a unha cresce. papel higiênico. leite. neblina. pus. saco de leite tipo a, b e c. shampoo. varinha de condão. cano de esgoto. farinha de mandioca. pólo sul. pólo norte. bola de golfe. creme para cabelo. atrás da foto. algodão. secreção nasal. vestido de noiva. pele de quem não toma sol. fumaça de cigarro. sabonete. chocolate branco. ovo de piolho. creme para espinhas. flocos de arroz. talco. caspa. flash. nabo. areia da praia. cheque em branco. dunas. deserto. cal. gato branco. pensar demais. protetor solar. espaço entre as linhas escritas. porcelana. horizonte. requeijão. fantasma. gordura vegetal hidrogenada. lençol de hospital. coelhos. salada de repolho cru. luz. nosso carro. estrelas. animais albinos. carneiros. banana descascada. piso do meu banheiro. hóstia. diamante. envelope. espuma de sabão em pó. lua vista da terra. dentro do grão de feijão. sacola plástica de supermercado. cerdas da escova de lavar o vaso sanitário. molho branco. cérebro. sol. manjar de côco. pessoa pálida. parede. comprimido. minha máquina de costura. lenço. carne do peixe. atadura. meia soquete. gelo seco. gesso. garça. sagu cru. carne da lagosta. balinha de 2 calorias. felicidade inesperada. saco de algodão. computador quando trava. cadarço de tênis. bola de pingue-pongue. cocada. pano de louça. mármore. vela. galinha. poodle. túmulo. anemia. suspiro. filhote de foca. clara em neve. papel fotográfico antes de ser velado. queijo derretido. dente. pomada para assadura. vinho branco. vapor d'água. ricota. lâmpada fluorescente. rato branco. leucócitos. gêiser. nata. marfim. camisa-de-força. bolo de queijo. ser o primeiro da fila do banco. esparadrapo. goiaba branca. filhote de águia. fralda descartável. pipoca. absorvente feminino interno e externo. ovos de codorna cozidos. camiseta branca. espuma do mar. doce de polvilho. linho. fim. cavalo. corretivo. camisa de garçom. placa de pvc. fita virgem. champignon. micose. respiração congelada. fundilho de calcinha. ouro branco. ficar sozinha em casa. peça de dominó sem pontos. relâmpago. possibilidade. unicórnio. broto de feijão. ambulância. minha lixeira da cozinha. pétala de margarida. fim de madrugada. cartilagem. rendas. cálcio. tule. zero. coador de café. couro cabeludo. adoçante. cola branca. passagem para outro mundo. miolo do côco. múmia. faixa de pedestres. falsidade. gordura de mortadela. casulo de bicho-da-seda. saliva seca. peruca de juiz. leite de magnésia. fio de luz. impossibilidade. buraco branco. palha de milho seca. tudo. nada. raiz de fio de cabelo. filtro de cigarro. faixa branca. teia de aranha. via láctea. filtro de café. passe-partout. começo. fio dental. tubarão branco. cambraia. cola em bastão. alpes. tampa de canetinha. cisne. creme hidratante. fita veda-rosca. vácuo. carta branca. desbotado. igualdade. toalha de banho. mármore. espinha de peixe. pó de arroz. velocidade. relógio parado. kimono. saquinho de chá. lírio. espuma de raiva. mosca branca. penugem na roupa. erro de encadernador. jasmim. avalanche. toalha de mesa. samoiada. anã branca. aspirina adulta. flor copo-de-leite. dia frio com sol. cana-de-açúcar. antúrio indiano. céu com chuva. massa corrida. etiquetas. silêncio. sono. reflexo. cebola crua. medo. gelo. giz. comida mofada. bandeira branca.